



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 7 de julho de 2025 » Ano XXV » Nº 1136
Edição Gratuita Diário » www.eshoje.com.br

 /eshoje

 @eshoje

 eshoje

 eshoje

SAÚDE

Homo sapiens
"treinou" a
colonização » 4



DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Lealdade é o
compromisso
com invisível » 2



ESHOJE

CULTURA

Vida marinha
no contexto
da cultural » 5



FELIPE AMARELO

Dados mostram que Gestão Euclério transforma Cariacica

Entre os anos de 2021 e 2024, a cidade alcançou a marca inédita de 1,5 bilhão de reais em investimentos públicos, segundo informações oficiais » 3



DIVULGAÇÃO

MOEMA GIUBERTI

Da lealdade e da âncora invisível

Dias atrás, numa tarde preguiçosa, conversava com meu filho sobre a fluidez das relações sociais. Impressionou-me a firmeza com que ele, tão jovem, defendia a importância de uma âncora, algo que impedisse o naufrágio das certezas. Disse-me, com uma simplicidade desarmante, que até Deus precisava ser mantido vivo em nossa memória, pois é Ele quem ancora a existência quando tudo se dissolve. Fiquei em silêncio. Porque ali, na fala dele, percebi algo que nem sempre ousamos admitir: a nossa sede de permanência.

Lembrei-me, então, do belo artigo do amigo Raphael Câmara, que tão bem descreve a lealdade como uma posição existencial, como uma fidelidade consciente, livre e corajosa. Seu texto me fez revisitar antigas leituras. A verdadeira responsabilidade nasce da alteridade, desse vínculo silen-

cioso com o outro que não pede aplausos. A lealdade, talvez, seja isso: um compromisso com o invisível.

Vivemos tempos de impermanência. Tudo é líquido, como bem disse Zygmunt Bauman. Relações, ideias, até a fé. Nessa pressa em mudar, esquecemos que algumas virtudes

se revelam no ato de ficar. Não por inércia, mas por escolha consciente. A lealdade é uma dessas raras virtudes que exigem coragem. Porque permanecer, hoje, é um ato quase subversivo.

Mas, como me disse meu filho, não basta apenas “ficar”. É preciso saber por que e por

quem se permanece. Não se trata de apego, mas de ancoragem lúcida. A lealdade autêntica não é cega; ela enxerga com nitidez as falhas, mas escolhe, mesmo assim, não trair.

Talvez, no fundo, lealdade e fé sejam irmãs silenciosas. Ambas sustentam a alma no instante em que o mundo parece

ruir. Ambas nos ensinam que há grandeza em repetir, diariamente, um “sim” consciente, mesmo quando tudo ao redor grita por desistência.

É preciso coragem para permanecer. Coragem para crer. Coragem para ser leal, mesmo quando o custo é alto — ou, quem sabe, justamente por isso.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>

Contato:

bianca@eshoje.com.br

27 2180-0678



ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

Cariacica: realidades antes e depois da Gestão Euclério

Números mostram avanços significativos em comparação com os anos anteriores a 2021

Giulia Reis

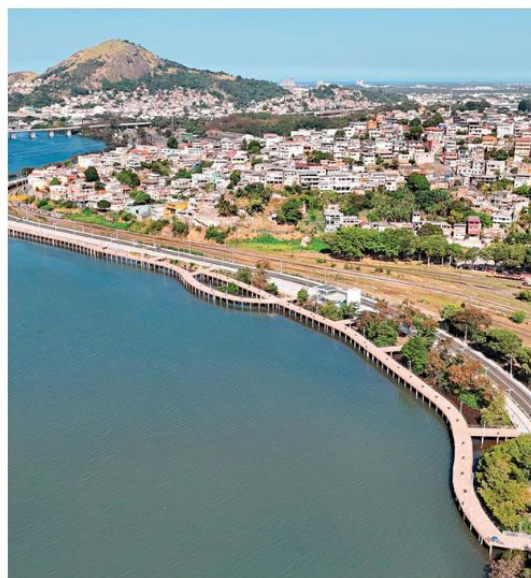
jornalismo@eshoje.com.br

Nos últimos quatro anos, o município de Cariacica, na Grande Vitória, tem vivido um processo acelerado de crescimento econômico e transformação urbana. Entre 2021 e 2024, a cidade alcançou a marca inédita de R\$ 1,5 bilhão em investimentos públicos, de acordo com dados oficiais apresentados pela Prefeitura em prestação de contas na Câmara de Vereadores.

O número representa um avanço significativo em comparação com os anos anteriores a 2021, quando os aportes em infraestrutura e serviços básicos costumavam girar abaixo dos R\$ 100 milhões anuais.

Além do volume recorde de investimentos, a arrecadação municipal também dobrou nesse período. A receita, que em 2020 era de R\$ 880 milhões, chegou a R\$ 1,76 bilhão em 2024, um reflexo da reorganização fiscal e do crescimento econômico local.

O município também passou a ocupar posições de destaque em rankings nacionais: 14º lugar no Brasil em competitividade municipal e 2º no Espírito Santo na taxa de investimento, segundo dados do Centro de Liderança Pública (CLP).



Obras infraestruturantes, espaços de lazer e de negócios foram entregues à população da cidade

COMPARATIVO

Até 2020, os investimentos em Cariacica enfrentavam forte limitação orçamentária. A cidade, embora com localização estratégica, carecia de infraestrutura urbana adequada e apresentava defasagens em áreas como saúde, educação, mobilidade e segurança.

- A partir de 2021, no entanto, uma série de mudanças administrativas e a maior capacidade de captação de recursos resultaram em um salto significativo:
- 2021: R\$ 100,4 milhões em investimentos, mais do que o dobro do ano anterior;
- 2022: R\$ 195 milhões, sendo R\$ 141 milhões apenas em obras de infraestrutura;
- 2023: R\$ 239,1 milhões, o quarto maior investimento entre os municípios capixabas;
- 2024: Recursos aplicados em saúde e educação ultrapassam sozinhos o total investido em 2020.
- Esses dados indicam um novo ciclo de investimentos públicos em Cariacica, que nos anos anteriores era uma das cidades capixabas com menor capacidade de execução orçamentária.

• O cenário atual é sentido e reconhecido pela população. Nascida e criada no município, a microempreendedora Glauce Damiana, de 51 anos, afirma ter visto a cidade crescer e forma muito rápida. "Muita coisa aqui era esquecida: rua sem asfalto, posto de saúde sem médico, escola com estrutura precária. Hoje, vejo que as coisas estão mudando. A rua onde moro foi pavimentada depois de décadas de poeira e lama" destaca.

• Segundo ela, apesar de ainda haver muita coisa para ser feita e concluída, a grande diferença é que agora a população consegue ver as obras acontecendo de verdade. "Tem escola nova, praça sendo arrumada, até parque sendo construído. Antes parecia que a gente morava numa cidade esquecida, agora parece que Cariacica tá sendo enxergada como merece" pontua.

Prioridades: saúde e educação

AS ÁREAS de educação e saúde registraram forte crescimento nos aportes. Em 2024, os investimentos nessas áreas ultrapassaram R\$ 346 milhões, superando os percentuais mínimos exigidos pela Constituição.

Na educação, foram investidos R\$ 214 milhões (25,31% da receita total), com foco na reestruturação da rede municipal. Ao todo, 87 escolas foram reformadas, sete novas unidades foram construídas e 12 mil novas vagas foram criadas, muitas em escolas de tempo integral. Também houve investimento em tecnologia educacional, com adoção de notebooks, chromebooks e lousas digitais.

Na saúde, R\$ 132 milhões (15,96% da receita) foram aplicados, com destaque para a reforma de 12 Unidades Básicas de Saúde (UBS) e a construção de três novas unidades. Outro destaque é a ampliação dos serviços de atendimento, como a marcação de exames labora-

toriais diretamente nas UBSs. Hoje, Cariacica realiza cerca de 28 mil consultas médicas e odontológicas por mês.

A cidade também avançou em infraestrutura viária e requalificação urbana. Mais de 800 ruas foram drenadas e pavimentadas entre 2021 e 2024. A iluminação pública passou por modernização, com a instalação de 40 mil lâmpadas de LED, aumentando a segurança e reduzindo o consumo de energia.

Outras obras estruturantes em andamento ou já entregues incluem: Nova Orla de Cariacica, Mercado Municipal, viaduto Dona Rosa, Centro Administrativo, revitalização da Avenida América e do Complexo Hugo Viola, implantação do Parque da Biquinha, intervenções em Vila Palestina, parque de Exposições e bairros com infraestrutura precária.

Outro destaque foi o aumento da cobertura de videomonitora-

mento, com salto de 15 para 116 câmeras em pontos estratégicos da cidade, além da instalação de semáforos inteligentes para melhorar o trânsito.

O investimento em programas sociais e inclusão também cresceu. O programa "Cariacica + Perto de Você" realizou mais de 33 mil atendimentos sociais, enquanto a cidade registrou a abertura de 37 mil novas empresas entre 2021 e 2024, contribuindo para a geração de empregos e aumento da base tributária.

NÚMEROS

R\$1,5 bi
de investimentos entre os anos de 2021 e 2024

R\$ 880 mi
foi o máximo de investimentos que a cidade recebeu até 2020

Parcerias e próximos passos

Em 2025, Cariacica deve receber mais de R\$ 310 milhões em investimentos do Governo do Estado, no maior pacote da história da cidade. Estão previstas obras como:

- Viaduto na Avenida Mário Gurgel (Trevo de Alto Lage) - R\$ 67 milhões;
- Oito novas creches - R\$ 42 milhões;
- Drenagem e pavimentação em Nova Valverde, Rio Branco e Santa Luzia - R\$ 80 milhões;
- Urbanização da calha do Rio Marinho - R\$ 70 milhões;
- Centro de Operações Integrado - R\$ 15 milhões;
- Reforma do PA de Nova Rosa da Penha e ampliação de UBSs - R\$ 3,3 milhões.

Homo sapiens 'treinou' antes de ser espécie global

Estudos mostram que há sinais precoces da presença de seres humanos de anatomia moderna

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Antes de se tornar uma espécie global, presente desde o Ártico até a Amazônia, o Homo sapiens "treinou" as capacidades de colonizador se espalhando por ambientes mais desafiadores dentro da África, seu continente de origem. A ideia, defendida num estudo publicado, pode ajudar a explicar por que a expansão dos seres humanos modernos pelo globo aconteceu relativamente tarde.

Explica-se: embora a gênese africana do H. sapiens tenha ocorrido entre 300 mil anos e 200 mil anos atrás, membros da espécie não parecem ter saído significativamente de sua terra natal durante muito tempo.

Há alguns sinais precoces da presença de seres humanos de anatomia moderna em áreas como o Oriente Médio, mas esses pioneiros, ao que tudo indica, não conseguiram se estabelecer por ali em definitivo, e boa parte da Eurásia continuou sob o domínio de outras espécies humanas, como os neandertais e os denisovanos.

A situação só teria mudado de vez um pouco antes de 50 mil anos atrás, com o rápido avanço de grupos de H. sapiens por todo o Velho Mundo, a chegada de alguns deles à Austrália e, por fim, a colonização das Américas, que pode ter começado um pouco antes de 20 mil anos atrás. Dados de DNA indicam que todos os seres humanos vivos hoje descendem, em larguíssima medida, dos indivíduos que participaram dessa expansão tardia.

Na nova pesquisa, que saiu na revista especializada Nature, uma equipe liderada por Emily Hallett, do Departamento de Antropologia da Universidade Loyola de Chicago (EUA), usou o mapeamento de sítios arqueológicos africanos, bem como modelos que simulam os ambientes e o clima do passado do continente, para verificar o que teria acontecido com a população humana antes e depois do grande salto colonizador.

Em essência, o que Hallett e seus colegas tentaram estimar foi a mudança nos nichos ecológicos habitados pelo H. sapiens - ou seja, os tipos de ambientes aos quais a espécie era capaz de se adaptar dentro da África. Sabe-se, por exemplo, que as espécies mais antigas de hominínios (ca-



REPRODUÇÃO

Dados de DNA indicam que todos os seres humanos vivos hoje descendem, em larguíssima medida, dos que participaram da expansão

tegoria que inclui tanto as pessoas de hoje quanto seus ancestrais e parentes mais próximos) tinham certa preferência por ambientes de savana, com vegetação aberta e relativa abundância de herbívoros de grande porte que podiam ser caçados.

No entanto, as simulações feitas pelos autores da nova pesquisa mostram que, a partir de 70 mil anos atrás, há o crescimento da presença de sítios arqueológicos ocupados pela nossa espécie em ambientes diversificados, principalmente florestas e desertos, em territórios da África do Norte, África Central e África Ocidental. O processo de ampliação do uso de diferentes ambientes continua crescendo no continente ao longo do tempo, até atingir um pico por volta de 30 mil anos antes do presente.

“É útil examinar mudanças tecnológicas para adquirir uma compreensão aprofundada dos comportamentos”

William Banks, pesquisador da Universidade de Bordeaux

Condições climáticas

ESSA DIVERSIFICAÇÃO regional da presença do H. sapiens é importante porque, durante milhões de anos, havia uma presença mais clara de hominínios em outras áreas do continente, em especial a África Oriental e a África do Sul.

Além disso, no caso das áreas desérticas, os dados sugerem também que a ocupação delas começa em momentos de condições climáticas mais favoráveis (menos secas), mas não desaparece quando o clima volta a piorar. Isso sugere que houve um aumento da resiliência das populações humanas a essas condições adversas. Talvez não por acaso, as áreas desérticas ou semidesérticas africanas são as que predominam na fronteira entre o continente e o Oriente Médio, funcionando como portões para o resto do mundo no caso das populações de hominínios.

Em um comentário sobre o estudo publicado na mesma edição da Nature, William Banks, da Universidade de Bordeaux (França), disse que os métodos usados pela equipe de Chicago eram robustos, mas que era preciso ir além para entender exatamente qual foi a dinâmica da expansão e diver-



REPRODUÇÃO

Áreas menos secas tinham maiores ocupações da espécie

sificação de nichos.

"É útil examinar mudanças tecnológicas para adquirir uma compreensão aprofundada dos comportamentos culturais por trás dessa dinâmica de nichos ecológicos ao longo do tempo", escreve Banks. Ele também aponta que é preciso en-

tender melhor qual é a diferença entre essa expansão tardia e as que aconteceram cerca de 2 milhões de anos antes, quando outros hominínios - provavelmente a espécie Homo erectus - também conseguiram se espalhar pela Ásia e, mais tarde, pela Europa. (Folhapress)

Rafael Segatto: do fundo do mar às galerias

Experiência de se ver entre grandes profundidades e recifes imensos moldou abordagem poética

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

FELIPE AMARELO

Nascido em 1992, em Vitória, Rafael Segatto Barboza da Silva é um artista visual cuja produção se estrutura em torno dos ecossistemas aquosos e das relações que o ser humano estabelece com os ambientes costeiros. Sua pesquisa artística se compromete com o mar e com as vidas moldadas pelas marés.

O artista desenvolve práticas que envolvem a natação em águas livres, o convívio com pescadores e a circulação por estaleiros e regiões litorâneas como ferramentas metodológicas para sua criação.

Desde a infância, a vivência do artista com o mar foi marcada tanto por fascínio quanto por receio. Cresceu em contato direto com o oceano, aprendendo a nadar em alto-mar, pescando em áreas alagadas e observando a vida marinha em diferentes contextos. A experiência de se ver entre grandes profundidades e recifes imensos moldou não apenas sua sensibilidade, mas também sua abordagem poética e crítica da paisagem aquática.

Rafael tem explorado a arqueologia como uma prática especulativa, interessando-se por sistemas de comunicação entre o passado, o presente e o futuro. Seus trabalhos frequentemente incorporam materiais coletados em campo, resultantes de caminhadas, mergulhos e interações com habitantes do litoral. O mangue, as ossadas de baleias encalhadas, as ferramentas de pesca e os rastros da memória costeira moldam a sua poética.

Participa da “Ocupação Milton Santos” (2025) realizada no Galpão Bela Maré, no Rio de Janeiro. Em sua produção individual, destacam-se exposições como “Linha-Mar” (2024) no Museu do Pescador, “Paciência de Pescador” (2021) no Museu Capixaba do Negro (Mucane), e “Caminhos Possíveis” (2018) na Galeria Homero Massena. Também esteve em diversas exposições coletivas realizadas na capital capixaba.

ES Hoje: Vamos começar falando da sua produção, que transita entre instalação, escultura e intervenção urbana...

Rafael Segatto: Sou um artista multidisciplinar e um trabalhador do mar. O que me interessa nesse trânsito é criar mecanismos comprometidos com o mar e com as vidas moldadas pelas marés.

Muito do seu trabalho lida com materiais orgânicos (vege-



Rafael Segatto cresceu em contato direto com o oceano, aprendendo a nadar em alto-mar, pescando e observando a vida marinha

tal, animal) e inorgânicos coletados no mar.

Esses elementos são frutos de uma convivência profunda com os ecossistemas costeiros — uma relação com as vidas que habitam esses lugares. Com o tempo, aprendi a perceber como as correntes marinhas conduzem e depositam materiais em certos pontos, ou como, a partir de uma troca com um pescador, descubro onde encontrar determinados búzios. Antes de escolhê-los, sinto que esses elementos me colocam em contexto, se apresentam, mas também exigem que eu construa uma sabedoria em torno deles — e assim possa criar sentidos no campo expandido da arte.

Fala da abordagem sobre a relação entre corpo, espaço e deslocamento.

A coleta é uma prática de encontro. Cada lugar revela algo novo e amplia minha bagagem física, memorial e espiritual. Tenho narrado a vida costeira-marinha e fabricado novos imaginários a partir da ideia de “corpo d’água”: tecnologias que estendem corpos aos ecossistemas aquosos — como ferramentas, apetrechos, vestimentas ou oferendas — expressando inventividade, identidade e cultura das populações costeiras.

A cidade de Vitória e sua geografia influenciam sua prática?

Nos primeiros projetos convivi com pescadores — calafetando, pintando embarcações, pescando — experiências possíveis pela relação com meu pai, Renato. Era como olhar para trás sem saber onde queria chegar. Vitória aparece depois, quando decido seguir meu próprio caminho e expandir essas memórias. Meu trabalho parte da pesca, mas se desdobra com novas práticas, como nadar em águas abertas. As ilhas da cidade permitem acessar áreas sem limpeza urbana, sem ratos ou cachorros — o que viabiliza minhas coletas — e, ao mesmo tempo, contam com estaleiros estruturados e um porto conectado ao mundo. Essa convivência entre tempos e ritmos distintos atravessa o meu trabalho.

Em “Caminhos Possíveis” você investiga tempo, ancestralidade e cosmologias da pesca. Como desenvolveu a pesquisa?

Essa pesquisa se desenvolveu a partir de uma quebra no tempo ocidental que marcou minha trajetória. Por um período, me afastei do mar e segui outros caminhos, mas sentia que havia uma demanda e um compromisso familiar a cumprir. Caminhos Possíveis surge nesse momento inicial, em que eu pensava em Exu, na circularidade do tempo e na pesca como um retorno a mim mesmo.

Projetos como “De onde o

olho mira” e “Paciência de pescador” envolvem prêmios e curadorias públicas. Como foram essas experiências?

Os editais são o principal mecanismo de fomento à arte no Brasil e, sem dúvida, exercem um papel importante na formação artística. Mas fazem parte de um caminho entre muitos — o contexto da arte é mais amplo. O Espírito Santo é reconhecido nacionalmente por esse tipo de fomento, e costumo dizer que minha trajetória é fruto disso, já que vivo em um território onde o acesso institucional ocorre, em grande parte, por meio de editais.

Você trabalha a partir de uma ótica afrocentrada e diáspora Bantu...

Elas aparecem como uma postura ética e estética. Certamente, quando penso na visualidade dos meus trabalhos, os pontos riscados são uma constante — escritas sagradas que firmam a conexão entre o mundo físico e espiritual. O calcário, presente no giz de pomba que faço, é um fundamento essencial nesse diálogo.

Como jovem artista no ES, que desafios e potências vê no circuito local?

Há poucos dias recebi meu primeiro convite institucional para expor no Espírito Santo. Até então, meus trabalhos aconteceram

principalmente por meio de editais, nos quais fui proponente, ou em articulações autônomas, como Experiências Ímpares, Gira e Quintal Bantu, todas em 2019. Essa movimentação constante é essencial: uma geração só existe porque a anterior produziu, gerando interesse, desejo, conflitos e fertilidade no sistema artístico local. Recebo esse convite com alegria, mas também com a sensação tardia de um reconhecimento que demorou a chegar.

Quais os próximos projetos e investigações?

Estou preparando duas séries para uma exposição que ocorrerá este mês em Vitória: ‘Marés’ e ‘Boias para falar com o mundo’. Marés traz inscrições sagradas gravadas sobre peles de tartarugas marinhas, trabalhos orientados pelo magnetismo da Terra. Assim como as tartarugas nascem, percorrem longas jornadas oceânicas e sempre retornam à areia onde eclodiram, esses cosmogramas simbolizam os diversos fluxos da existência. ‘Boias para falar com o mundo’ também registra inscrições rituais, desta vez sobre boias de isopor recolhidas em Conceição da Barra. Além dessas séries, produzirei a obra em grande escala ‘Enquanto correm as águas’, que será exibida no Pará no segundo semestre, durante os eventos da COP-30.